



Modalização e argumentação: a sobremodalização, a remodelização e a comodalização nos livros de autoajuda do Papa Francisco

Modalization and argumentation: overmodalization, remodelization and commodalization in Pope Francis' self-help books

*André Silva OLIVEIRA**

RESUMO: Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar as diferentes modalizações (epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa) e seus usos distintivos (sobremodalização, remodelização e comodalização) como estratégias argumentativas nos livros de autoajuda do Papa Francisco. Para isso, recorreremos à tipologia das modalidades de Hengeveld (2004) e aos trabalhos relativos aos usos distintivos da modalização, no caso, Corbari (2016), Valentim (2017) e Gasparini-Bastos e Brunelli (2019). Após a análise dos livros, concluímos que as diferentes modalizações servem para confirmar informações pragmáticas já compartilhadas entre o líder religioso e os fiéis (epistêmica), instaurar avaliações subjetivas de regras e normas de conduta (deôntica), expressar capacidades e habilidades com o poder do divino (facultativa) e manifestar o que é desejável por parte da divindade (volitiva). Em relação aos usos distintivos, a comodalização é empregada para

ABSTRACT: In this work, we aim to describe and analyze the different modalizations (epistemic, deontic, volitive and facultative) and their distinctive uses (overmodalization, remodelization and commodalization) as argumentative strategies in Pope Francis' self-help books. For this, we resort to the typology of the modalities of Hengeveld (2004) and the works related to the distinctive uses of modalization, in this case, Corbari (2016), Valentim (2017) and Gasparini-Bastos and Brunelli (2019). After analyzing the books, we concluded that the different modalities serve to confirm pragmatic information already shared between the religious leader and the faithful (epistemic), to establish subjective evaluations of rules and norms of conduct (deontic), to express capacities and abilities with the power of the divine (facultative) and manifest what is desirable on the part of the divinity (volitive). In relation to distinctive uses, commodalization is used to assert or mitigate the modal contents engendered

* Prof. Ms. de Língua Espanhola da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3448-0658>. andrehtzn@gmail.com

asseverar ou mitigar os conteúdos modais engendrados no discurso, enquanto a sobremodalização busca sobrepor a subjetivação de um conteúdo modal sobre o outro. Por seu lado, a remodelização pretende asseverar os valores modais expressos, mostrando a necessidade de concretização do evento descrito pelos predicados que estão sob a incidência do modalizador.

PALAVRAS-CHAVE: Modalidade. Argumentação. Persuasão. Discurso de Autoajuda.

in the discourse, while overmodalization seeks to superimpose the subjectivity of one modal content over the other. On the other hand, the remodelization intends to assert the modal values expressed, showing the need to materialize the event described by the predicates that are under the influence of the modalizer.

KEYWORDS: Modality. Argumentation. Persuasion. Self-help Speech.

1 Introdução

Neste artigo, objetivamos descrever e analisar sobre a modalização¹ (epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa) e os seus usos distintivos (sobremodalização, remodelização e comodalização) como estratégias argumentativas na literatura de autoajuda religiosa. Para isso, selecionamos, especificamente, os livros de autoajuda do Papa Francisco em diálogo com outras autoridades religiosas, designadamente um rabino e um pastor protestante. Estes livros, que foram traduzidos para o português, compuseram o universo desta pesquisa, são eles: Razão e Fé (tradução do livro *Razón y Fe*), A Dignidade (tradução do livro *La Dignidad*), A Solidariedade (tradução do livro *La Solidaridad*) e A Oração (tradução do livro *La Oración*). Todos eles foram publicados pela Editora Saraiva – Benvirá no ano de 2019.

Sabendo-se que a modalização se refere aos posicionamentos do falante perante o que ele enuncia ao seu ouvinte, tratando-se, conforme Palmer (1986), da

¹ Para esta pesquisa, entender modalidade e modalização como sinônimos. Segundo Castilho (2010), modalidade ou modalização se refere a uma estratégia pela qual o falante expressa sua relação com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento. Por isso, Castilho (2010) não distingue os termos modalidade e modalização, e, com base no autor, não vemos a necessidade da existência de fronteira entre esses termos, haja vista que ambos se referem à relação do falante com o conteúdo dos enunciados e que estes requerem, obrigatoriamente, a presença de um falante e de um ouvinte relacionados pela recorrência enunciativa.

gramaticalização das crenças e opiniões subjetivas do falante, partimos do pressuposto de que tanto a modalização quanto os seus usos distintivos podem ser articulados no encadeamento discursivo do líder religioso, tendo em vista os seus propósitos, suas intenções e os seus interesses em direcionar o discurso para o seu público leitor (em sua maioria, os fiéis religiosos). Com isso, a autoridade religiosa faria uso dos diferentes tipos de modalização no intuito de: (i) revelar os seus conhecimentos e suas crenças acerca do mundo material e espiritual (epistêmica); (ii) prescrever regras e normas de conduta a partir da sua concepção subjetiva ou do que já é proposto pelo código religioso (deôntica); (iii) manifestar o que é desejável ou indesejável da parte da divindade ou com base em seus desejos e vontades pessoais (volitiva); ou (iv) reportar as capacidades e as habilidades intrínsecas ou adquiridas por meio do poder do divino (facultativa).

Nesse sentido, recorreremos à tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), que descreve e analisa os diferentes subtipos modais a partir de dois parâmetros principais: (i) o *domínio semântico*, que se refere à avaliação que se faz do enunciado modalizado, subdividindo a modalidade em epistêmica, deôntica, volitiva, facultativa e evidencial); e (ii) a *orientação modal*, que diz respeito à perspectiva sobre a qual recai o enunciado modalizado, em que a modalidade pode estar orientada para o Participante, o Evento e a Proposição. Para os usos distintivos da modalização, buscamos nos trabalhos de Corbari (2016), Valentim (2017) e Gasparini-Bastos e Brunelli (2019) o aporte necessário para a caracterização da sobremodalização, da remodelização e da comodalização.

Para tal, organizamos este artigo em seis seções, além desta seção introdutória. Inicialmente, tratamos da modalização como estratégia argumentativa. Posteriormente, abordamos a categorização proposta por Hengeveld (2004) para a modalização. Na sequência, discorreremos acerca dos usos distintivos da modalização, no caso, a sobremodalização, a remodelização e a comodalização. Seguidamente,

passamos para os aspectos metodológicos desta pesquisa, que englobam a categorização do corpus, a apreciação das categorias de análise e a qualificação da literatura de autoajuda religiosa. Logo após, expomos os resultados e discussões sobre a modalização e seus usos distintivos como recurso discursivo e estratégia argumentativa. Por fim, nas considerações finais, resumizamos os resultados obtidos, refletindo sobre o papel da modalização como ferramenta discursiva e argumentativa.

2 A modalização como estratégia argumentativa e discursiva

A língua apresenta elementos que podem funcionar como recursos discursivos e estratégias argumentativas que visam à construção dos sentidos dos mais variados enunciados que possam ser articulados pelos participantes da interação discursiva (falante e ouvinte). Por isso, acreditamos que os sujeitos, nos mais diferenciados contextos de produção e uso da língua, podem dispor de recursos linguísticos que facilitem a construção discursiva e argumentativa de seus textos (orais e/ou escritos). Entre essas diferentes possibilidades, citamos a modalidade (modalização), que pode ser definida, segundo Palmer (1986), como a gramaticalização das crenças e opiniões subjetivas do falante perante o enunciado que ele produz.

Podemos ainda encontrar outras definições, na própria seara da Linguística, relativas à modalidade. Halliday (1970) entende-a como um tipo de julgamento que o falante faz acerca das probabilidades ou deveres envolvidos naquilo que está sendo enunciado por ele em seu discurso. Lyons (1977) identifica-a como os diferentes meios utilizados pelo falante para expressar sua opinião acerca de uma proposição que a sentença expressa ou sobre a situação que a proposição descreve. Hengeveld (1988) delimita-a como a manifestação do (des)comprometimento do falante com aquilo que é dito, empregando, para isso, diferentes elementos linguísticos (modalizadores). Givón (2001) define-a como a codificação das atitudes e dos posicionamentos do falante em relação à proposição por ele manifestada.

Conforme Adelino (2016), a modalização pode ser considerada como um fenômeno de ordem semântico-argumentativa e pragmático-discursiva por meio do qual o falante deixa registrado a sua própria subjetividade, buscando transmitir o modo como o seu discurso deve ser lido e interpretado. Nesse sentido, segundo a autora, a modalização se mostra como a manifestação da subjetividade da/na linguagem, na medida em que a constituição da significação dos enunciados vai sendo determinada pelos elementos linguísticos (modalizadores), que, por sua vez, imprimem os posicionamentos do falante no discurso.

De acordo com Adelino e Nascimento (2019), a modalização e, conseqüentemente, os meios linguísticos (modalizadores) são empregados pelo falante para marcar, no enunciado modalizado, seja de forma atenuada ou asseverada, o seu (des)comprometimento em relação ao conteúdo da proposição. Em outras palavras, a modalização permite situar o papel da subjetividade na construção do discurso, constituindo-se, portanto, como uma estratégia discursiva e argumentativa.

Segundo Lopes (2015), a manifestação dos posicionamentos do falante é usada para se referir à qualificação cognitiva, emotiva e volitiva que ele faz de uma dada proposição. Assim, a modalização expressa a atitude do falante por meio de uma sentença necessariamente não-descritiva, que diz respeito à manifestação das opiniões e das crenças em relação ao conteúdo proposicional veiculado; não sendo expressa, portanto, por meio de sentenças descritivas, já que estas fornecem apenas a exposição de uma realidade, não representando uma proposição.

Por ser de natureza não-descritiva, Nogueira e Lopes (2011) determinam que a modalização é relativa à qualificação do enunciado relativa ao julgamento do falante acerca da verdade de uma proposição, em que o seu estudo, na seara linguística, deve considerar parâmetros de ordem pragmática, semântica e morfossintática que estejam envolvidos na manifestação das crenças e das expectativas dos participantes (falante e ouvinte) da interação. Desse modo, segundo as autoras, a modalização se revela como

uma espécie de “jogo” de intenções e propósitos, em que o falante pretende agir sobre o ouvinte, buscando, dessa forma, uma aceitação de suas ideias e de seus argumentos, empregando, para isso, unidades linguísticas (modalizadores) que revelem o seu ponto de vista.

Para Koch (1993), a modalização pode funcionar como um recurso argumentativo, pois ela revela a atitude do falante perante o enunciado que produz, ou seja, está ligada à atividade ilocucionária, podendo mudar o conteúdo dos atos de fala. Nesse sentido, os conteúdos modais veiculados no discurso, conforme Parret (1976), podem modificar os atos ilocucionários na medida em que adicionam algum significado a eles, sendo motivados pelo jogo de produção e de conhecimento dos propósitos comunicativos do falante. Assim, por meio da modalização, o falante é capaz de atenuar atos de fala imperativos, por exemplo, fazendo com que o seu discurso pareça menos autoritário e impositivo.

Por fim, ponderamos que a modalização pode funcionar como um recurso discursivo e uma estratégia argumentativa, pois a sua articulação e manifestação no encadeamento discursivo do falante dependerão do que ele objetiva expressar ao(s) seu(s) ouvinte(s). Assim sendo, a modalização se apresenta como uma estratégia argumentativa que visa tornar a ação do falante sobre o ouvinte de maneira eficaz.

Em termos de categorização da modalização, podemos encontrar uma infinidade de tipologias que pretendem delimitar e caracterizar os subtipos modais, apresentando também uma série de parâmetros, tais como as noções de necessidade e possibilidade, a factualidade e a não-factualidade dos eventos, a presença ou não do elemento do desejo, etc. No entanto, para esta pesquisa, optamos pela categorização de Hengeveld (2004), que descreve e analisa a categoria modalidade a partir de dois parâmetros semânticos principais: o *domínio semântico* e a *orientação modal*; como veremos, detalhadamente, na seção seguinte.

3 A modalização em Hengeveld (2004)

Para esta pesquisa, adotamos a tipologia das modalidades proposta por Hengeveld (2004), em que se descreve e se analisa a modalidade (sinônimo de modalização para esta pesquisa) a partir de dois parâmetros principais: (i) o *domínio semântico*, que diz respeito à perspectiva a partir da qual a avaliação modal é feita; e (ii) a *orientação modal*, que está relacionada à parte do enunciado que é modalizada, ou seja, a perspectiva na qual a modalidade é qualificada.

A proposta de Hengeveld (2004) para a categoria modalidade (modalização) é adequada a esta pesquisa, pois, com base nela, somos capazes de descrever e analisar tanto o tipo de avaliação que se faz do enunciado modalizado (domínio semântico) quanto a parte do enunciado que é modalizada (orientação modal). Desse modo, é possível que descrevamos e analisemos os diferentes efeitos de sentido que podem ser desencadeados no discurso de autoajuda do Papa Francisco a partir do uso dos diferentes tipos de modalidade (modalizações) e dos tipos qualificacionais dessas modalizações. Assim sendo, também é possível verificar como os usos distintos que a articulação e o engendramento das diferentes modalizações (epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa) podem ter no encadeamento discursivo, a saber: a sobremodalização, a remodelização e a comodalização, que será discutido na seção seguinte.

Considerando o domínio semântico², Hengeveld (2004) delimita cinco tipos de modalidades: (i) *facultativa*, que diz respeito às capacidades intrínsecas e adquiridas, como no exemplo: *João consegue nadar 100 metros em pouco tempo*; (ii) *deôntica*, que está relacionada ao que é moralmente, legalmente e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta, como no exemplo: *João deve nadar todos os dias*; (iii) *epistêmica*, que se refere aos conhecimentos e às crenças relativas ao mundo real, como no exemplo:

² Os exemplos foram elaborados como forma de ilustrar o domínio semântico de cada tipo de modalidade que é proposta por Hengeveld (2004).

João deve estar nadando no lago a estas horas; (iv) *volitiva*, que é relativa ao que é desejável ou indesejável, como no exemplo: *João quer nadar no lago*; e (v) *evidencial*, que é referente à fonte da informação, como no exemplo: *Eu vi João nadando no lago essa manhã*.

Pela orientação modal³, Hengeveld (2004) especifica que a modalidade pode estar orientada para: (i) o *Participante*, que é relativa à parte relacional de uma sentença expressa por um predicado e diz respeito à relação entre (as propriedades de) um participante em um evento e a potencial realização desse evento por parte do participante, como no exemplo: *João tem que estudar todos os dias*; (ii) o *Evento*, que é referente à descrição do evento contido na sentença, ou seja, a parte descritiva de uma sentença e diz respeito à avaliação objetiva do estatuto de realidade desse evento, como no exemplo: *É desejável que chova no sertão*; e (iii) a *Proposição*, que está relacionada ao conteúdo proposicional de uma sentença, ou seja, diz respeito à parte da sentença que representa os posicionamentos e as crenças do falante, estando, pois, relacionada ao grau de comprometimento do falante em relação à proposição por ele apresentada, como no exemplo: *Certamente, Maria foi à festa com João*.

A partir da inter-relação entre esses dois parâmetros de análise, Hengeveld (2004) verifica quais são as possíveis combinações de modalização, excluindo aquelas cujo domínio semântico não tem possibilidade de atuar na orientação modal com base na lógica. Dessa forma, o autor define que as modalidades facultativa e deôntica só podem estar orientadas para o Participante e o Evento. Por sua vez, a modalidade epistêmica só pode estar orientada para o Evento e a Proposição, enquanto a modalidade evidencial só pode estar orientada para a Proposição. Por seu turno, a modalidade volitiva pode estar orientada para o Participante, o Evento e a Proposição.

O quadro 01 sintetiza as combinações possíveis entre o domínio semântico e a orientação modal na proposta de Hengeveld (2004):

³ Os exemplos foram elaborados como forma de ilustrar os tipos de orientação modal possíveis para a categoria modalidade que é proposta por Hengeveld (2004).

Quadro 01 — As combinações entre o domínio semântico e a orientação modal.

Domínio semântico	Orientação modal		
	Participante	Evento	Proposição
Facultativa	+	+	-
Deôntica	+	+	-
Volitiva	+	+	+
Epistêmica	-	+	+
Evidencial	-	-	+

Fonte: elaborado pelo autor com base em Hengeveld (2004).

A modalidade facultativa orientada para o Participante é relativa à descrição das habilidades ou das capacidades intrínsecas ou adquiridas de um participante no evento designado pelo predicado, como no exemplo: *I am not able to work* [Eu não sou capaz de trabalhar] (HENGEVELD, 2004, p. 1191). A modalidade facultativa orientada para o Evento diz respeito à caracterização de eventos em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam a sua ocorrência, como no exemplo: *It can take three hours to get there* [Pode levar três horas para chegar lá] (HENGEVELD, 2004, p. 1192).

A modalidade deôntica orientada para o Participante concerne à descrição de um participante que se encontra sob a obrigação, permissão ou proibição de realizar o evento que é designado pelo predicado, como no exemplo: *I must eat* [Eu devo comer] (HENGEVELD, 2004, p. 1192). A modalidade deôntica orientada para o Evento diz respeito à descrição da existência de obrigações, permissões ou proibições de (não) realização de eventos, mas sem que o falante faça uma apreciação pessoal desses eventos, como no exemplo: *One has to take off his shoes here* [É preciso tirar os sapatos daqui] (HENGEVELD, 2004, p. 1193).

A modalidade volitiva orientada para o Participante está relacionada à descrição das intenções, pretensões ou disposições do participante expresso pelo predicado em concretizar o evento que é descrito pelo predicado, como no exemplo: *We want to leave* [Nós queremos sair] (HENGEVELD, 2004, p. 1192). A modalidade volitiva orientada para o Evento diz respeito à caracterização de um evento em termos do que é desejável ou indesejável de se concretizar, mas sem que o falante faça uma

apreciação pessoal desse evento, como no exemplo: *It would be bad if I broke it* [Seria ruim se eu quebrasse isso] (HENGEVELD, 2004, p. 1193). A modalidade volitiva orientada para a Proposição é relativa ao comprometimento do falante em relação à proposição enunciada no que tange à expressão de seus desejos e vontades pessoais, como no exemplo: *I want to sleep / It is going to sleep on me* [Eu quero dormir / Isso vai dormir em mim] (HENGEVELD, 2004, p. 1194).

A modalidade epistêmica orientada para o Evento é relativa à caracterização da possibilidade ou não de ocorrência de um evento a partir do que é sabido sobre o mundo real, mas sem que o falante faça um julgamento pessoal da (im)possibilidade desse evento, como no exemplo: *It may rain* [Pode chover] (HENGEVELD, 2004, p. 1194). A modalidade epistêmica orientada para a Proposição concerne à qualificação modal específica sobre o grau de comprometimento do falante em relação à proposição por ele enunciada, como no exemplo: *We'll probably die for lack of water* [Provavelmente morreremos por falta de água] (HENGEVELD, 2004, p. 1195).

A modalidade evidencial orientada para a Proposição se refere à maneira como a proposição que o falante está apresentando chegou ao seu conhecimento, ou seja, o falante especifica a fonte, na qual ele confia, das informações contidas em sua fala, como no exemplo: *A tourist-ship arrived I witnessed it* [Chegou um navio turístico, eu testemunhei isso] (HENGEVELD, 2004, p. 1196). Em trabalhos posteriores, especificamente Hengeveld (2011) e Hengeveld e Hattnher (2015), a Evidencialidade é tratada como uma categoria separada e não mais como um tipo de modalização. Por isso, excluímos a Evidencialidade dos tipos de modalizações investigados nesta pesquisa, selecionando apenas as modalizações facultativas, deônticas, volitivas e epistêmicas.

Como podemos verificar, a tipologia das modalidades de Hengeveld (2004) permite descrever e analisar os diferentes subtipos de modalidade a partir de noções semânticas que qualificam os conteúdos modais em relação a um participante, a um

evento ou a um conteúdo proposicional avaliado com base nas opiniões e nas crenças subjetivas do falante. Ponderamos também que os usos distintivos da categoria modalidade (sobremodalização, remodelização e comodalização) podem contribuir como formas de persuasão ou convencimento (entendidos, nesta pesquisa, como sinônimos), na medida em que, por exemplo, os diferentes conteúdos modais se sobrepõem no encadeamento discursivo do falante ou na forma como os modalizadores se combinam na expressão de um tipo específico de modalização. Dessa forma, esses usos distintivos poderiam manifestar diferentes efeitos de sentido, podendo intensificar ou atenuar a força ilocucionária da modalização instaurada, bem como reforçar crenças e valores já estabelecidos pela instituição religiosa.

Nesse sentido, na seção seguinte, abordaremos sobre os usos distintivos da modalização, especificando-os e exemplificando-os por meio dos trabalhos de Corbari (2016), Valentim (2017) e Gasparini-Bastos e Brunelli (2019).

4 A remodelização, a sobremodalização e a comodalização

Como dito anteriormente, a forma como os subtipos modais se combinam no enunciado modalizado e/ou o escopo de atuação de um modalizador sobre outro modalizador podem interferir na forma como os conteúdos modais devem ser lidos pelos ouvintes da autoridade religiosa. Desse modo, no que tange à argumentatividade, acreditamos que os usos distintivos da modalização podem também contribuir como estratégias de persuasão ou convencimento, são eles: a *remodelização*, a *sobremodalização* e a *comodalização*.

A remodelização se refere à atuação de um modalizador sobre outros verbos encadeados no discurso modalizado, atenuando ou asseverando o valor modal instaurado, como no exemplo retirado do *cópus*: *Somos todos iguais e cada um é um tesouro, algo que devemos cuidar e respeitar até a morte* (A Dignidade). Nesse exemplo, verificamos que o modal deôntico *dever* tem um escopo de atuação sobre dois verbos

no infinitivo, respectivamente, *cuidar* e *respeitar*, intensificando a deonticidade instaurada no enunciado modalizado. Com base na perspectiva teórica de Hengeveld (2004), constatamos que a modalidade deôntica instaurada está orientada para o Participante, em que o modal deôntico *dever* tem um escopo de atuação sobre dois predicados performativos.

De acordo com Valentim (2017), a remodelização pode ser entendida como a transição de um valor modal para outro e/ou a incidência de duas ou mais operações de modalização sobre uma mesma relação predicativa (como no exemplo, *devemos cuidar e respeitar*). Ainda conforme a autora, nos casos em que há a transição de um valor modal para o outro, ocorre a desconstrução do valor modal construído pela primeira, como no exemplo: *Nesses casos posso-lhe garantir que não haverá provavelmente atualização nenhuma da renda* (VALENTIM, 2017, p. 130). Nesse exemplo, averiguamos que a forma *provavelmente* marca a construção de um valor assertivo mitigado, haja vista que a validação do conteúdo proposicional pelo enunciador não é total; tratando-se, portanto, de um valor de possibilidade, frente ao valor instaurado pelo modalizador poder em: *posso-lhe garantir*; que é mais assertivo.

Por sua vez, a sobremodalização diz respeito à atuação de um modalizador sobre outro modalizador, como no exemplo: *Eu acredito que é esse o equilíbrio que temos que alcançar* (Razão e Fé). Nesse exemplo, podemos averiguar que o modalizador epistêmico *acreditar* tem um escopo de atuação sobre o modalizador deôntico *temos que alcançar*, revelando um ponto de vista subjetivo do falante acerca da regra e norma de conduta manifestada na oração com a *completiva com que*. Segundo Corbari (2016), a sobremodalização pode indicar, por exemplo, no caso em que os modalizadores epistêmicos incidem sobre os modalizadores deônticos, o grau de certeza ou incerteza do falante em relação à percepção que ele venha a ter acerca da obrigação, permissão ou proibição instaurada, como no exemplo: *É claro que precisamos manter a Máquina de Chuva ligada, a Amazônia precisa dela para não virar cerrado* (CORBARI, 2016, p. 124); em

que, conforme a autora, a modalização epistêmica tem como escopo o enunciado deonticamente modalizado. No exemplo citado, o elemento deôntico (*precisamos*) que, em si, demarca um caráter incisivo e impositivo (necessidade deôntica) está sob o escopo de atuação da necessidade epistêmica (*É claro*), reforçando, portanto, o tom de asserção forte do enunciado e apresentando uma forma de constatar essa necessidade.

Por seu turno, a comodalização está relacionada à coocorrência de conteúdos modais sobrepostos, em que um conteúdo modal pode mitigar ou asseverar o outro conteúdo modal veiculado, como no exemplo retirado do *córpus*: *Eu a adquiro ao saber que devo respeitar uma norma ao pé da letra, e que, se não se pode andar a mais de 110km/h, não vou andar a mais de 100km/h* (A Solidariedade). Nesse exemplo, constatamos que há a coocorrência de duas modalizações deônticas, em que uma modalização deôntica de obrigação, com orientação modal para o Participante, reforça e complementa a outra modalização deôntica de proibição, cuja orientação modal é para o Evento.

De acordo com Gasparini-Bastos e Brunelli (2019), a coocorrência de conteúdos modais (comodalização) pode revelar diferentes efeitos de sentido, que emergem, precisamente, a partir da combinação de diferentes ou iguais elementos modais, podendo atenuar ou asseverar o tom de certeza ou de autoridade sobre o conteúdo modal veiculado, como no exemplo: *Não podemos ficar esperando que os outros nos tratem bem, nós é que temos que nos cuidar primeiro* (GASPARINI-BASTOS; BRUNELLI, 2019, p. 270). Conforme as autoras, nesse exemplo, a modalidade deôntica aparece reforçada pela combinação de *não podemos* e *temos que*, cujas modalizações deônticas de proibição (*não podemos esperar*) e de obrigação (*temos que nos cuidar*) reforçam o conteúdo modal expresso no eixo do dever, intensificando a força ilocucionária deôntica.

Sabendo-se dos tipos de modalizações (facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica) e de seus usos distintivos (sobremodalização, remodelização e comodalização), passaremos, na seção seguinte, para os aspectos metodológicos desta

pesquisa, que inclui a categorização do *córpus*, a apreciação das categorias de análise e a especificação do discurso de autoajuda religioso.

5 Metodologia

Tendo por objetivo descrever e analisar os diferentes tipos de modalizações (facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica) e os usos distintivos da modalização (sobremodalização, remodelização e comodalização) como estratégia argumentativa no discurso de autoajuda religioso, selecionamos os quatro livros publicados pelo *Editorial Santa María* no ano de 2012 referentes à coleção *Diálogos de Fe* (conversas entre líderes religiosos acerca de temáticas relativas ao campo religioso), a saber: *Razón y Fe*, *La Dignidad*, *La Solidaridad* e *La Oración*. Estes livros foram publicados em espanhol sobre a autoria do Papa Francisco (até então cardeal Bergoglio), juntamente com outros dois líderes religiosos: Abraham Skorka (rabino) e Marcelo Figueroa (pastor protestante).

Estes livros estão situados no domínio do discurso de autoajuda religioso, uma vez que os autores recorrem a recursos linguísticos e a estratégias argumentativas que orientem seus leitores sobre temáticas referentes à moral e à fé, especificamente no que diz respeito ao diálogo e à conciliação entre fé e razão, à forma como se deve tratar o próximo, ao zelo pela dignidade da pessoa humana, à caridade para com o semelhante e de como a oração pode fortalecer a fé dos fiéis. Especificamente, para esta pesquisa, optamos pelas traduções para o português que foram comercializadas pela Editora Saraiva – Benvirá no ano de 2019, respectivamente: *Razão e Fé* (tradução do original *Razón y Fe*) que contém 47 páginas, *A Dignidade* (tradução do original *La Dignidad*) que contém 48 páginas, *A Solidariedade* (tradução do original *La Solidaridad*) que contém 48 páginas e *A Oração* (tradução do original *La Oración*) que contém 48 páginas; constituindo, dessa forma, o *córpus* desta pesquisa.

Para a descrição e análise da modalização e de seus usos distintivos como recurso discursivo e estratégia argumentativa no discurso de autoajuda religioso, elaboramos as seguintes categorias de análise: (i) *o tipo de modalização instaurada no discurso*, ou seja, as modalidades facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica (HENGEVELD, 2004); e (ii) *os usos distintivos da modalização*, no caso, a sobremodalização, a remodelização e a comodalização (CORBARI, 2016; VALENTIM, 2017; GASPARINI-BASTOS; BRUNELLI, 2019). No que diz respeito aos aspectos quantitativos desta pesquisa, utilizamos o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22 para o *Windows* para a rodagem dos dados e a frequência das categorias de análise.

No que se refere ao discurso de autoajuda religioso, Bessa (2016) especifica que este tipo de literatura se caracteriza, principalmente, por práticas de aconselhamento disseminadas em diversos canais, necessariamente por meio de livros impressos, em que os fiéis buscam respostas rápidas para seus problemas de ordem pessoal e moral, além de uma autorrealização imediata e a valorização da autoestima. Ainda conforme a autora, tal literatura concebe o mundo como um lugar justo e organizado em que tudo visa ao bem do ser humano, valorizando, primordialmente, a submissão a Deus e a comunhão dos irmãos, opondo-se, veemente, ao isolamento e à competitividade.

Sob essa ótica, acreditamos que o discurso de autoajuda religioso possa propiciar o uso de diferentes tipos de modalizações, em razão de os líderes religiosos expressarem seus posicionamentos com base em seu conhecimento sobre o mundo material e espiritual (epistêmica), regras e normas de conduta com base no código religioso (deôntica), o que é desejável para o homem e sua vivência em sociedade (volitiva) e acerca das capacidades e habilidades, sejam estas intrínsecas ou adquiridas, dos fiéis com o apoio do divino (facultativa), como veremos na seção seguinte.

6 Resultados e discussões

Nesta seção, abordaremos sobre o que foi proposto para esta pesquisa, no caso, descrever e analisar os diferentes tipos de modalizações (facultativa, deôntica, volitiva e epistêmica) e os usos distintivos da modalização (sobremodalização, remodelização e comodalização) como estratégia argumentativa nos livros de autoajuda do Papa Francisco. Com isso, pretendemos dissertar acerca dos efeitos de sentido que o discurso do Papa Francisco e dos demais líderes religiosos, que com ele dialogam, possa desprender, tendo em vista os propósitos e as intenções comunicativas deles ao produzir e articular os diferentes conteúdos modais.

A escolha dos diferentes tipos de modalização, nos livros de autoajuda selecionados, foi feita com base no domínio semântico proposto por Hengeveld (2004), em que: (i) a modalidade epistêmica diz respeito às crenças e aos conhecimentos acerca do mundo real; (ii) a modalidade deôntica se refere ao que é legalmente, moralmente e socialmente aceito em termos de regras e normas de conduta; (iii) a modalidade volitiva está relacionada ao que é desejável ou indesejável; e (iv) a modalidade facultativa é relativa às capacidades ou às habilidades intrínsecas ou adquiridas.

Na tabela 01, podemos verificar a frequência total, ou seja, todos os casos de modalizações epistêmicas, deônticas, facultativas e volitivas que foram encontrados nos livros de autoajuda do Papa Francisco que compuseram o corpúsculo desta pesquisa:

Tabela 1 — A frequência total dos tipos de modalizações nos livros de autoajuda do Papa Francisco.

Tipo de modalização	Frequência	Porcentagem
Epistêmica	68	38,9%
Deôntica	63	36%
Facultativa	24	13,7%
Volitiva	20	11,4%
Total	175	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS.

Baseando-se na tabela 1, verificamos que a modalidade epistêmica é a de maior recorrência (38,9%), seguida, respectivamente, pelas modalidades deôntica (36%), facultativa (13,7%) e volitiva (11,4%). Isso se justifica, tendo em vista que o Papa Francisco e os demais líderes religiosos, que com ele dialogam, tendem a manifestar suas crenças e convicções acerca do mundo real (ou o mundo da espiritualidade), especificamente em relação a eventos referentes à vida dos fiéis, à situação moral da sociedade, etc.; podendo também regular e prescrever normas e regras de conduta no que tange à situação moral dos fiéis, expressar a capacidade dos fiéis em superar os desafios da vida cotidiana e revelar o que lhes parece desejável ou indesejável no intuito de fortalecer a fé dos seguidores.

No que diz respeito à modalidade epistêmica, vejamos a ocorrência (1):

- (1) Em nossa vida, escolhemos missões especiais que, **certamente**, são o testemunho de momentos muito profundos de introspecção nos quais descobrimos que aceitamos determinado desafio (A Dignidade).

Em (1), verificamos que a modalidade epistêmica, com orientação modal para a Proposição, é instaurada por meio do advérbio *certamente*; em que o líder religioso assevera a certeza (valor modal epistêmico) da proposição por ele apresentada, comprometendo-se, portanto, com o conteúdo modal veiculado, ao afirmar que missões especiais são dadas por Deus e que partem de uma prospecção profunda em aceitar os fatos determinados pelo divino. Em termos argumentativos, ponderamos que as modalizações epistêmicas instauradas pelos líderes religiosos visam afirmar e confirmar informações pragmáticas já sabidas e compartilhadas entre os participantes da interação (o líder religioso e os fiéis), no que tange, especificamente, à fé, à moral e ao comportamento daqueles que buscam pela literatura de autoajuda religiosa.

Com base em Hengeveld (2004), atestamos que a qualificação modal epistêmica manifesta o grau de comprometimento do falante com relação à verdade

da proposição, revelando seus julgamentos e opiniões acerca do conteúdo modal veiculado (modalidade epistêmica orientada para a Proposição). Ao fazê-lo, o falante assumiria, com diferentes graus de adesão (que vai do certo ao incerto, do provável ao improvável, do possível ao impossível, etc.), a proposição apresentada. Desse modo, pensamos que o falante (líder religioso) possa também pretender se colocar como representante ou “porta-voz” daquilo que é entendido como “verdade” dentro do espectro religioso, em virtude da sua posição como representante da divindade, autoridade religiosa investida de poder etc. Assim, a exposição de suas crenças e de seus conhecimentos poderiam ser entendidos como a “verdade” a partir da ótica da fé e por parte daqueles que compartilham a mesma crença religiosa, asseverando, desse modo, a modalização epistêmica instaurada.

Em relação à modalidade deôntica, passemos para a ocorrência (2):

- (2) E essa é a relação dinâmica do homem com Deus é uma das características básicas do Deus bíblico, do Deus para quem, em última instância, **devemos rezar** (A Oração).

Em (2), averiguamos que a modalidade deôntica, com orientação modal para o Participante, é instaurada por meio da construção perifrástica *dever+infinitivo*, em que o falante (líder religioso) prescreve para si e para os demais (o que pode ser evidenciado pela marca de primeira pessoa do plural, *devemos*) a obrigação designada pelo predicado, ou seja, o dever de rezar. Baseando-nos em Hengeveld (2004), ponderamos que a orientação modal deôntica para o Participante é de caráter mais impositivo [+imposição], em virtude de o falante (líder religioso) especificar sobre quem recai à deonticidade contida no enunciado modalizado. No entanto, pensamos que essa imposição possa ser mitigada quando há inclusão do falante na incidência do valor modal deôntico instaurado, produzindo, portanto, o efeito de que não apenas o ouvinte (fiel religioso) estaria obrigado a realizar o que é designado pelo predicado,

como também o falante (autoridade religiosa). Acreditamos também que a inclusão do falante na incidência do valor modal deôntico possa ser uma tentativa da autoridade religiosa de buscar uma aproximação com o seu público leitor, revelando, assim, certa solidariedade para com este, na medida em que se coloca sob a obrigação, a permissão ou a proibição designada por meio da modalização deôntica.

No que tange à modalidade facultativa, analisemos a ocorrência (3):

- (3) Esse vazio, que sempre existe na vida do homem e da sociedade, só **poderia**, pelas palavras de Santo Agostinho, **ser** preenchido pela pessoa de Deus (Razão e Fé).

Em (3), identificamos que a modalidade facultativa, com orientação modal para o Evento, é instaurada por meio da construção perifrástica *poder+infinitivo*, em que o falante (líder religioso) caracteriza um dado evento em termos das circunstâncias que possibilitam a sua ocorrência, no caso, que o vazio existente na vida do homem e na sociedade só é capaz de ser preenchido por Deus. De acordo com Hengeveld (2004), as capacidades e as habilidades instauradas podem ser intrínsecas, que corresponde ao “ser capaz de”, ou adquiridas, que diz respeito ao “saber como”. Em (3), averiguamos que qualificação modal facultativa se volta para a capacidade de concretização de um evento (“ser capaz de”), em que o falante (líder religioso) assegura o poder da divindade (Deus) de preencher o vazio existente na vida do homem e da sociedade.

Em termos discursivos e argumentativos, pensamos que as qualificações modais facultativas, no discurso de autoajuda religioso, possam ser entendidas como asserções feitas pelo líder religioso no intuito de afirmar e legitimar as capacidades e as habilidades que foram dotadas pela divindade aos fiéis religiosos (público leitor, em sua maioria), quando a modalidade facultativa está orientada para o Participante. Nos casos em que a modalidade facultativa está orientada para o Evento, a qualificação

modal pode remeter às circunstâncias que tornam possível ou necessária a concretização de um estado-de-coisas (preencher o vazio) no mundo real (a vida das pessoas em sociedade). Ponderamos que, na literatura de autoajuda religiosa, a vitória pessoal está relacionada à capacidade do sujeito (fiel religioso) de permanecer em conexão com o divino, em que este o dota de habilidades inimagináveis ao alcance humano, tratando-se, portanto, de uma questão de fé, de crença absoluta e, necessariamente, de não duvidar do poder da divindade.

No que é relativo à modalidade volitiva, averiguemos a ocorrência (4):

- (4) Indo a um templo rezar para um Deus vivo, rezar para um Deus que **quer** a vida, rezar para um Deus que vê os irmãos em todas as criaturas, cada um com suas próprias características. (A Oração).

Em (4), constatamos que a modalidade volitiva, com orientação modal para a Participante, é instaurada por meio do verbo de significação plena *querer*, em que o falante (líder religioso) reporta o desejo da divindade de que todos tenham vida, sendo necessário, para isso, que todos façam orações dirigidas para Ele. Pautando-nos em Hengeveld (2004), atestamos que a qualificação modal volitiva voltada para o Participante revela o desejo ou intenção do sujeito designado pelo predicado em realizar o que é descrito no enunciado modalizado. Especificamente, nesses casos, acreditamos que o líder religioso busca introjetar a pessoa da divindade como voz de autoridade e/ou ser absoluto, como aquele que deseja sempre o melhor para aqueles que O seguem. Nesse sentido, as modalizações volitivas poderiam servir de consolo e amparo para os seus leitores, vendo na imagem da divindade uma resposta para os seus problemas e força para vencer os obstáculos impostos por quem abraça a fé (crença religiosa).

No que tange à argumentatividade, ponderamos, com base em Oliveira (2017), que a modalização volitiva possa servir como asserções proferidas pelo líder religioso,

em relação: (i) ao que a divindade deseja (modalidade volitiva orientada para o Participante), projetando o ser superior como voz de autoridade; (ii) ao que é desejável ou indesejável em termos de conduta religiosa (modalidade volitiva orientada para o Evento), deslocando, dessa forma, o *querer-desejar* (campo mental) para o *querer-fazer* (campo acional); e (iii) ao que é volicionado pelo líder religioso em realizar (modalidade volitiva orientada para a Proposição), servindo como projeção daquilo que é desejável no âmbito da fé e da moral religiosa.

De acordo com Oliveira (2020), a modalidade volitiva parece ser produtiva como estratégia argumentativa, pois ela pode revelar: (i) o comprometimento volitivo do falante em relação ao evento desejado, haja vista que é próprio falante quem avalia o evento como sendo bom e agradável, como no exemplo: *Esta noche quiero hablar sobre qué tipo de futuro vamos a tener y qué tipo de nación vamos a ser* [Esta noite quero falar sobre que tipo de futuro vamos ter e que tipo de nação vamos ser] (OLIVEIRA, 2020, p. 65); e (ii) o descomprometimento volitivo do falante, quando este reporta a volição de um terceiro-reportado em concretizar um dado evento, pois é o sujeito introjetado que aprecia o evento volicionado como bom e agradável e não o falante, como no exemplo: *Es hora de comenzar a avanzar hacia un sistema de inmigración basado en el mérito, uno que admita personas que estén calificadas, que quieran trabajar, que contribuyan a nuestra sociedad y que amen y respeten a nuestro país* [É hora de começar a avançar para um sistema de imigração que esteja baseado no mérito, em que se admitam pessoas que estejam qualificadas, que queiram trabalhar, que contribuam com a nossa sociedade e que amem e respeitem o nosso país] (OLIVEIRA, 2020, p. 66).

Dentre os casos de modalização (epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa), constatamos também os usos distintivos deste mesmo fenômeno, como podemos ver na Tabela 2, que traz a frequência total dos casos de sobremodalização, remodelização e comodalização encontrados nos livros de autoajuda do Papa Francisco que compuseram o *cópus* desta pesquisa:

Tabela 2 — A frequência dos usos distintivos da modalização.

Usos distintivos da modalização	Frequência	Porcentagem
Comodalização	59	78,6%
Sobremodalização	09	12%
Remodalização	07	9,4%
Total	75	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS.

Com base na Tabela 02, identificamos que a comodalização é a mais recorrente (78,6%), seguida pela sobremodalização (12%) e a remodelização (9,4%). Acreditamos que a comodalização seja mais produtiva, pois a coocorrência de diferentes tipos de modalizações combinadas pode: (i) intensificar a obrigatoriedade do seguimento aos preceitos morais impostos pela sociedade e pela religião (deôntica-deôntica); (ii) asseverar a volição expressa no que diz respeito ao que é avaliado e apreciado pelos líderes religiosos ou pela divindade como bom e agradável para os fiéis (volitiva-volitiva); e (iii) apreciar crenças e opiniões subjetivas acerca de normas e regras de conduta que devem ser seguidas pelos fiéis religiosos (epistêmica-deôntica); como podemos ver, respectivamente, nas ocorrências de (5) a (7):

- (5) O diálogo **deve ser** de complemento, e nenhum dos dois, nem o cientista, nem o religioso, **devem partir** da plataforma "a verdade está em minhas mãos", porque isso é uma mentira (Razão e Fé).
- (6) Um Deus que **quer** a vida e **quer** de você uma atitude de vida plena (Razão e Fé).
- (7) Eu **acredito** que só existe um caminho, e esse caminho tem uma palavra que **deve ser** escrita com letra maiúscula: Humildade (Razão e Fé).

Em (5), verificamos que há uma comodalização deôntica-deôntica composta por uma modalidade deôntica orientada para o Evento (*O diálogo dever ser de*

complemento) que coocorre com uma modalidade deôntica orientada para o Participante (*O cientista e o religioso não devem partir da plataforma de que a verdade está em suas mãos*). Nesse caso, verificamos que o falante (autoridade religiosa) manifesta a obrigação de realização de um evento, em questão, que a fé e a razão se complementem, que, por seu lado, incide sobre a proibição que recai sobre o participante designado pelo predicado (o cientista e o religioso), que, por seu turno, está proibido de acreditar que tenha a posse da verdade. Assim sendo, a articulação de distintas orientações modais (Evento e Participante) e de distintos valores modais (obrigação e proibição) podem intensificar a deonticidade manifestada no tocante ao contexto de produção do discurso, no caso, a obrigatoriedade de conciliação entre a fé e a razão (*dever-fazer*) e o comportamento que devem ter os religiosos e os cientistas.

Em (6), constatamos a ocorrência de comodalização volitiva-volitiva, em que ambas as modalidades volitivas estão orientadas para o Participante. Ao empregar a coocorrência de conteúdos modais volitivos, o líder religioso busca expressar a volição do participante designado pelo predicado (*Deus*), no diz respeito ao desejo (necessidade volitiva) d'Ele de que o homem tenha vida (na primeira modalização volitiva) e que tenha vida plena (culminando em outra necessidade volitiva). Nesse sentido, a articulação de ambas as modalidades volitivas com o mesmo valor semântico e orientação modal circunscreve o que é volicionado no eixo do *querer-desejar*, ratificando, dessa forma, que aquilo que é desejado pelo participante expresso pelo predicado é entendido por ele como sendo bom e agradável.

Em (7), averiguamos um caso de comodalização epistêmica-deôntica, em que a modalidade epistêmica orientada para a Proposição (*Eu acredito que só existe um caminho*) coocorre com uma modalidade deôntica orientada para o Evento (*esse caminho tem uma palavra que deve ser escrita com letra maiúscula: Humildade*). Nesse caso, atestamos que a modalidade epistêmica designa uma crença subjetiva do líder religioso acerca da sua convicção pessoal da existência de um único caminho, que, por

sua vez, incide sobre a modalidade deôntica, que diz respeito à obrigatoriedade da virtude da humildade que deve traçar esse mesmo caminho. Em outras palavras, constatamos a manifestação de uma crença subjetiva do falante que assevera a obrigatoriedade de um evento (o acreditar comodalizando com o dever-existir), com base em suas próprias convicções e opiniões pessoais.

Em relação aos casos de sobremodalização (12%), verificamos que o escopo de atuação de modalizadores epistêmicos incidindo sobre modalizadores deônticos parece ser o mais recorrente nos livros de autoajuda analisados. Isso se justifica, se considerarmos que o Sumo Pontífice (e os demais líderes religiosos que com ele dialogam), ao regular, prescrever ou normatizar regras de conduta, opte por expressar opiniões e crenças de cunho pessoal, subjetivando, por meio do modalizador epistêmico, o conteúdo modal deôntico, que, por sua vez, geralmente remete a deveres e obrigações já reguladas no âmbito legal, moral ou religioso, como pode ser atestado nas ocorrências (8) e (9):

- (8) Eu **acredito** que a sociedade **precisa escutar** um pouquinho mais sobre como os homens vêm dialogando há muitos anos (Razão e Fé).
- (9) Depois, vêm a pergunta real e profunda e o esforço pela elevação. A essência, o lume de tudo. O que faço, para onde devo mirar? **Acredito** que é a pergunta que **devemos** constantemente **fazer** a nós mesmos, todos os dias (A Dignidade).

Em (8) e (9), verificamos que os modalizadores epistêmicos, cuja modalidade epistêmica está orientada para a Proposição, incidem sobre modalizadores deônticos, cuja modalidade deôntica está orientada para o Participante, subjetivando os conteúdos modais deônticos instaurados, haja vista que o líder religioso faz uma avaliação pessoal da regra e norma de conduta imposta sobre o participante designado pelo predicado.

Em (8), o falante (líder religioso) avalia o ato deôntico instaurado ao prescrever a obrigação que recai sobre o participante expresso (a sociedade), que, por sua vez, tem o dever de escutar a forma como os homens vem dialogando no decorrer dos anos. Em (9), o falante (líder religioso) também faz uma apreciação pessoal acerca do conteúdo modal deôntico veiculado, prescrevendo, para o participante contido no predicado (nós – todos os religiosos e fiéis), a obrigação de se perguntar para qual direção deve fixar o seu olhar para alcançar a plenitude espiritual.

Desse modo, a modalidade epistêmica orientada para a Proposição assinala a subjetivação do posicionamento do falante (líder religioso) acerca da modalidade deôntica orientada para o Participante. Em outras palavras, identificamos uma modalidade epistêmica subjetiva incidindo sobre uma modalidade deôntica objetiva, propiciando, por seu lado, uma mudança do conteúdo modal veiculado pela segunda, em razão da subjetivação imposta pela primeira (o *eixo do conhecimento* incidindo sobre o *eixo da conduta*).

No que se refere à remodelização (9,4%), parece ser mais recorrente os casos em que um único modalizador deôntico incide sobre dois predicados performativos, como podemos averiguar nas ocorrências (10) e (11):

- (10) Tenho a sensação de que o problema do antagonismo no diálogo da fé entre secularismo, fé e ciência, fé e vida pública, tem a ver também com a busca da humildade de saber que **devo escutar e entender** o que acontece com o outro (Razão e Fé).
- (11) De acordo com a Midrash, a Torá era anterior à criação do cosmo. É como um pai que disse ao seu filho: "Aqui estão as instruções genéricas, você tem que interpretar como torná-las vida, mas eu lhe dou o manual de instruções, não instruções taxativas, por que **é preciso ler e interpretar** (A Dignidade).

Em (10) e (11), identificamos dois casos de remodelização deôntica, em que os modalizadores deônticos, *devo* e *é preciso*, incidem, respectivamente, sobre os

predicados performativos escutar/entender e ler/interpretar, configurando, pois, em uma modalidade deôntica orientada para o Participante e outra para o Evento.

Em (10), o falante (líder religioso) instaura sobre si, o que pode ser evidenciado por meio da marca de primeira pessoa do singular *devo*, a obrigação moral de escutar e entender os demais. Em termos argumentativos, o falante poderia pretender se colocar como um modelo a ser seguido pelos fiéis (aquele que ouve e busca compreender a todos), em que estes também deveriam seguir a norma de conduta prescrita pela autoridade religiosa. Assim, a modalidade deôntica instaurada seria mais impositiva [+imposição], haja vista que há a especificação de um sujeito sobre o qual recai a deonticidade manifestada.

Por sua vez, em (11), o falante (autoridade religiosa) se limita a regular a obrigatoriedade de um evento, entendido como uma necessidade (deôntica), na qual se infere o dever de ler e interpretar o livro sagrado (a Torá para os judeus). Ao regular apenas a obrigação de um evento, sem especificar um sujeito em particular, a modalidade deôntica seria menos impositiva [-imposição]. A orientação modal para o Evento, portanto, refere-se a um recurso discursivo em que o falante reporta apenas regras e normas de âmbito geral, eximindo-se de transparecer qualquer tipo de avaliação subjetiva que possa comprometê-lo em relação ao que é enunciado por ele no discurso.

De acordo com Valentim (2017), a remodelização pode acarretar ao enunciado modalizado uma interpretação mais intensificada do valor modal instaurado, reforçando a força ilocucionária do conteúdo modal (epistêmico, deôntico, volitivo ou facultativo). Nesse sentido, com base na autora, a remodelização produz, em (10) e (11), uma asseveração do valor modal de obrigação que é instaurado, servindo, pois, como uma espécie de reforço do papel de orientação, ordem e instrução (prototípicos da modalidade deôntica), que, por seu turno, é oriunda da necessidade deôntica de

concretização do que é expresso por meio do predicado (escutar/entender e ler/interpretar).

7 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos descrever e analisar a modalização como recurso discursivo e estratégia argumentativa no discurso de autoajuda do Papa Francisco. Nesse sentido, pretendíamos verificar como os diferentes tipos de modalização (epistêmica, deôntica, volitiva e facultativa) e os usos distintivos dela (sobremodalização, remodelização e comodalização) poderiam contribuir como meio de persuasão e convencimento (adotados como sinônimos nesta pesquisa) no encadeamento discursivo de uma autoridade religiosa. Para isso, recorreremos aos trabalhos de Hengeveld (2004), no que tange à modalização, e aos estudos de Corbari (2016), Valentim (2017) e Gasparini-Bastos e Brunelli (2019), no que diz respeito aos usos distintivos da modalização.

A partir da análise *quantitativo-qualitativa* dos livros de autoajuda do Papa Francisco, verificamos que a modalidade epistêmica foi a mais recorrente (38,9%), em que o líder religioso desejou manifestar suas crenças e convicções acerca do mundo real ou espiritual, comprometendo-se com a proposição por ele enunciada. Por sua vez, identificamos que a modalidade deôntica foi a segunda mais recorrente (36%), em que a autoridade religiosa optou por prescrever e regular normas e regras de conduta, buscando incluir-se na incidência do valor modal, no intuito de mitigar a deonticidade instaurada. Por seu lado, a modalidade facultativa foi a terceira mais recorrente (13,7%), em que o representante da divindade reportou as capacidades e as habilidades inerentes à concretização de eventos com a ajuda do poder divino. Por sua parte, a modalidade volitiva foi a quarta mais recorrente (11,4%), em que o conselheiro espiritual quis manifestar o que era desejável por parte da divindade como forma de alentar e fortalecer a fé dos seguidores (leitores).

No que diz respeito aos usos distintivos da modalização, verificamos que a comodalização foi a mais recorrente (78,6%), em que o falante (líder religioso) objetivou tanto intensificar o que era obrigatório, permitido ou proibido (deôntica-deôntica) quanto asseverar os desejos e vontades da divindade (volitiva-volitiva) e fazer julgamentos subjetivos acerca das regras e normas de conduta referentes à fé e à moral (epistêmica-deôntica). Por sua vez, a sobremodalização foi a segunda mais recorrente (12%), em que o falante (autoridade religiosa) optou, por meio do modalizador epistêmico, caracterizar a modalização deôntica de forma subjetiva, revelando o seu posicionamento favorável a norma prescrita. Por seu turno, a remodelização foi a terceira mais recorrente (9,4%), em que o falante regulou normas de conduta por meio de um modalizador deôntico incidindo sobre dois predicados performativos, asseverando, portanto, a necessidade deôntica de concretização de ambos os estados-de-coisas veiculados no enunciado modalizado.

Por fim, consideramos que tanto as diferentes modalizações quanto os seus usos distintivos possam ser empregados como recurso discursivo e estratégia argumentativa, tendo em vista os propósitos e as intenções comunicativas do falante (líder religioso), em que este busca modificar a informação pragmática de seus ouvintes (leitores), procurando levá-los a uma mudança de atitude e a uma aceitação dos valores propostos pela crença religiosa adotada.

Referências Bibliográficas

ADELINO, F. J. S. **Na trilha dos modalizadores:** perscrutando os jogos argumentativos no gênero entrevista de seleção de emprego. 2016. 334f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

ADELINO, F. J. S.; NASCIMENTO, E. P. A modalização epistêmica asseverativa na construção argumentativa de entrevistas de seleção de emprego. **Revista Entrepalavras**, v. 9, n. 1, 2019, p. 287-302. Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1345/580>.

Acesso em: 10 jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.22168/2237-6321-11345>

BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A.; FIGUEROA, M. **A Dignidade**. São Paulo: Editora Saraiva-Benvirá, 2019.

BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A.; FIGUEROA, M. **A Oração**. São Paulo: Editora Saraiva-Benvirá, 2019.

BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A.; FIGUEROA, M. **A Solidariedade**. São Paulo: Editora Saraiva-Benvirá, 2019.

BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A.; FIGUEROA, M. **Razão e Fé**. São Paulo: Editora Saraiva-Benvirá, 2019.

BESSA, D. B. Literatura de autoajuda religiosa. **Revista Teleológica**, v. 1, n. 5, p. 56-64, 2016. Disponível em:

<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/105/111>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v13i1p7-16>

CORBARI, A. T. Modalizadores: a negociação em artigo de opinião. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 16, n. 1, p. 117-131, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v16n1/1518-7632-ld-16-01-00117.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-4017-160106-3715>

GASPARINI-BASTOS, S. D.; BRUNELLI, A. F. A coocorrência de elementos modais em obras de autoajuda dirigidas a mulheres. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 1, p. 262-275, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2280/1489>. Acesso em: 10 jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.21165/el.v48i1.2280>

GIVÓN, T. **Syntax**. An introduction. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. Functional diversity in language as seem from a consideration of modality and mood in English. **Foundations of Language**, v.1, n. 6, p. 322- 361, 1970.

HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v. 6, n. 1, p. 227-269, 1988. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31400482_Illocution_mood_and_modality_in_a_functional_grammar_of_Spanish. Acesso em: 10 jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.1093/jos/6.1.227>

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. **Morphology: a handbook on inflection and word formation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.1190-1201. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110172782.2.14.1190>

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, B.; NARROG, H. (org.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford, Oxford University Press, 2011, p. 580–594. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199586783.013.0047>

HENGEVELD, K.; HATTNER, M. M. D. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479–524, 2015. Disponível em: <http://www.degruyter.com/view/j/ling.2015.53.issue-3/ling-2015-0010/ling-2015-0010.xml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

LOPES, M. F. S. **Uma análise funcionalista da modalidade deôntica na coluna Confronto das Ideias do jornal “O Povo”**. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LYONS, J. **Semantics**. v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M. F. V. **Modo e modalidade: gramática, discurso e interação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, A. S. **Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica**. 2017. 310f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, A. S. Modalidade volitiva e construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 1, n. 20, p. 51-80, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2612/1932>. Acesso em: 10 jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.17648/eidea-20-2612>

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

PARRET, H. **Enunciação e Pragmática**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

VALENTIM, H. T. Quando a reformulação é uma remodelização com efeito de atenuação. **Revista Normas**, v. 7, n. 1, p. 126-134, 2017. Disponível em: <https://ojs.uv.es/index.php/normas/article/view/10428/9706>. Acesso em: 10 jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.7203/Normas.7.10428>

Artigo recebido em: 01.01.2021

Artigo aprovado em: 12.03.2021